

RelevO

set/2019, n.1, a.10 • Periódico literário
independente feito em Curitiba-PR
desde set/2010 • ISSN 2525-2704



Assine/Anuncie: O **RelevO** não aceita dinheiro público e se mantém com o apoio de assinantes e anunciantes. Você pode receber o jornal em casa e divulgar sua marca, projeto cultural ou seita de caráter duvidoso aqui mesmo! Saiba mais em jornalrelevo.com/assine e jornalrelevo.com/anuncie ou fale conosco no contato@jornalrelevo.com.

Publique: O **RelevO** recebe textos de todos os gêneros, de trechos de

romances sobre domos invisíveis a artigos de escritores que gostam, sobretudo, de si mesmos. O **RelevO** recebe ilustrações. O **RelevO** recebe fotografias. O **RelevO** aceita ensaios acadêmicos. Também cartuns, HQs, receitas, bulas, resenhas e ameaças. Saiba mais em jornalrelevo.com/publique ou pelo contato@jornalrelevo.com.

Newsletter: Bowie, assassinatos, Renascimento e animais pitorescos:

nossa newsletter se chama Enclave e vai muito além da literatura. Comprove e assine (de graça) em jornalrelevo.com/enclave.

As ilustrações desta edição são de Luiz Arthur Montes Ribeiro. Você pode conferir mais do trabalho dele em www.luizarthurarteegastronomia.blogspot.com.

Editor: Daniel Zanella
Editor-assistente: Mateus Ribeirete
Ombudsman: Robson Vilalba
Revisão: Ramiro Canetta
Projeto gráfico: Marceli Mengarda
Infografia: Bolívar Escobar
Logística: Thaís Alessandra Tavares
Advogado: Bruno Meirinho
OAB/PR 48.641
Impressão: Gráfica Exceuni
Tiragem: 6.000

Edição finalizada em 30/08/2019

Setembro/2019

Disso de dinheiro

(+) RECEITA BRUTA

ASSINANTES:

R\$ 150 Katia Brembatti; R\$ 100 André Cáceres; Alex Lemos Pontes; Mariana Casals; Patricia Herman; José Maschio; R\$ 75 Juliana Meira; R\$ 65 Ana Bertozzi; Rafael Silvaro; R\$ 60 Flávio Landolpho; Leonardo Barroso; Melissa Schaikoski; Daniela Athuil; Kiko Cesar; Nayara Leite; Fernando Rodrigues; Neno Moura; Angieli Maros; Telma Franco Diniz; Lucio Carvalho; Luz Maria Romero; Marlene Fátima Gonçalves; Evanilton Gonçalves Gois da Cruz; Christian Schwartz; Flávio Otávio Ferreira; Amanda Ribeiro; Marcel Vieira; Filipe Natal De Gaspari; Darson Porto; Marcus Vinícius Sabadin; Natalia Penteado; R\$ 50 Felipe Moraes; Filipe Nogueira; Larissa Ribeiro; Darlan Jevaer Schmitt; Alessandro Araújo; Simone AZ; Diego Franco Gonçalves; Cristiane de Assis Macedo; Lucas Laranjeira; Anne Montarroyos; Elias Ribeiro; Rojefferson Moraes; Andrea Oliveira; Ariana Alves Magalhães; Caio Beltrão; Janderson Silva; Bernardo Vailati; Carla Andrade Maricato; Markus Fendel; Luiz Guilherme Libório; Lindevania Martins; Priscila Prado; Luciana Pimenta; Gabrielle Koster; Saskya Moraes; Kátia Nascimento; Germano Xavier; Allê Santos; Carol Rodrigues; Angeline Meghann; Débora Gleys dos Santos Silva; Lucas Litrento; Isabella Barbo; José Antônio; Wallace William de Souza; Fernanda Dante; José Luis Queiroz; Marcos Pitta; Luanda Julião; Giselle Marques Ramos; Rubervam Nascimento; Rita & Marcelo Alcaraz; Anderson Bernardes; Alice Silveira; Gabriel Antônio Pellegrini Dias;

Ludmila Faria; Angel Cabeza; Vanessa Mendes Argenta; Carlos Freitas; Maria Clara Fernandes; Mariangela Andrade; Bruno Mendonça; Hernan Oliveira; Camila Félix; Laura Alves; André Henrique Mendes Viana; Natanael Otávio; Júlia Guarilha; Mario Stringhini; Plínio Zuni; Sara Muniz; André Henrique Mendes Viana; Adriele Tornesi; R\$ 47 Sebo do Lanati; Anderson Bonatto; Marcos Carvalho; Estefânia Perro; Carlos Machado; R\$ 44 Thalyta Vilella; R\$ 30 Lucas Jensen; R\$ 25 Babi Age TOTAL: R\$ 5.512

ANUNCIANTES:

R\$ 220 Editora Penalux; R\$ 200 William Soares dos Santos; Casa Projetos Literários; R\$ 50 FISK, Livraria Joaquim; Kikos Bar; Gato Preto Livros & Discos; R\$ 30 O Alienígena; Sebo Edipoeira TOTAL: R\$ 680

(-) CUSTOS FIXOS

Gráfica: R\$ 1.274
Escritório: R\$ 350
Entregadora: R\$ 50
Capista: R\$ 50
Embaladora: R\$ 50
Editor-executivo: R\$ 1000
Editor-assistente: R\$ 100
Mídias sociais: R\$ 680
Diagramação: R\$ 100
Infografia: R\$ 70
(-) **DESPESAS VARIÁVEIS**
Transporte: R\$ 400
Embalagem: R\$ 280
Correios: R\$ 2.022
(-) **DESPESAS ADMINISTRATIVAS**
Domínio mensal: R\$ 25

(+) Entradas totais: R\$ 6.539

(-) Saídas totais: R\$ 6.551

(=) **Resultado operacional: - R\$ 12**

Conselho Editorial

Alexandre Guarnieri; Ben-Hur Demeneck
Bruno Meirinho; Carla Dias; Celso Martini
Cezar Tridapalli; Enilda Pacheco; Felipe Harmata; Gisele Barão; Jacqueline Carteri
Osny Tavares; Whisner Fraga.

Editorial

Um periódico impresso de literatura estabelece um jogo que se entrecruza com a natureza dos jornais de notícias e também com a natureza da literatura. A sua *verdade* demanda que tudo o que ele contém pode ser a *verdade* do estatuto do Jornalismo e a *mentira* do estatuto da literatura. Um periódico impresso de literatura exige, por suspeição, uma dose de desconfiança e um voto de fé, um contrato.

A arte não evolui, alega Charles Kiefer em *Para Ser Escritor*. Se considerarmos um jornal de papel e literatura como um produto cultural que ambiciona ser obra de arte, não existiria, assim, um periódico que seria melhor por trazer o novo em detrimento do passadista. “Por isso, conhecer profundamente a tradição literária é absolutamente necessário a qualquer escritor, sob pena de se passar pelo ridículo de se reinventar a roda”: o mesmo vale para jornais de literatura, Kiefer.

O leitor tem o livre-arbítrio para considerar um periódico impresso de literatura como o propagador da verdade que lhe convir. Ato contínuo, muitos assinantes do **RelevO**, angariados a partir de redes sociais como o Facebook e o Instagram, alegam ser o periódico uma experiência off-line,

como se, então, ler um analógico em 2019 se assemelhasse a uma experiência de estar fora do mundo — o digital. As fronteiras da verdade e do real há tempos diluídas.

Em *A Vingança dos Analógicos*, o jornalista canadense David Sax enumera as vantagens do impresso diante do digital, mesmo com todas as dificuldades de mercado e com os processos envolvidos de cortar árvores, fabricar papel, contratar gráfica, pagar impressora, pensar o transporte, fazer entregas localizadas, providenciar envios postais, evitar que o jornal amarele...

[...] o impresso não apenas persistiu como em algumas áreas está crescendo, dando origem a novas publicações ou até mesmo novas versões analógicas de publicações que começaram online. E enquanto algumas empresas estão faturando bilhões em periódicos agora, tem se tornado cada vez mais claro que a narrativa triunfante das publicações digitais sobre custo baixo e entrega instantânea como chave do sucesso não é a história completa.

Sax reforça que o analógico resolve muitos problemas que são peso morto para os nativos digitais, como engajamento, retenção e descoberta. “Se a ordem das invenções pudesse ser invertida de alguma forma, o impresso poderia ser facilmente apresentado como uma tecnologia verdadeiramente disruptiva”. Mais: o impresso está *fora* da internet e o possível leitor pode simplesmente topor com a sua materialidade em espaços públicos, como um saguão de hotel ou um semáforo fechado.

A disputa é discursiva. Por muitos anos, o lobby do fim do impresso fez da morte de cada revista ou jornal um obituário

monumental de um cemitério prestes a não ter mais vagas. Todavia, não damos o devido valor ao surgimento, mesmo que alguns de efêmero, de outros periódicos. Apenas em Curitiba, de 2010 até 2019, surgiram mais nove jornais ou revistas impressas de cultura, sem nos contar: *Helena*, *O Rato*, *Estórias*, *Jandique*, *O Mapa*, *EMA*, *Desconforto* e *Obsoletos*. O *Cândido* surgiu em 2011.

O **RelevO** lançou uma antologia de cinco anos do periódico, com os melhores textos da publicação; o *Rascunho* produziu dois livros com as suas melhores entrevistas; o *Cândido* resgatou o projeto Um Escritor na Biblioteca e publicou as entrevistas em livro, além da formatação em livro da série *Os editores*, que reúne onze bate-papos com profissionais do mercado editorial brasileiro. O material foi originalmente publicado no periódico da BPP entre 2017 e 2018.

Sax aponta para um padrão: a nova safra de revistas pós-apocalipse digital começa pequena, com tiragem de algumas centenas ou milhares de exemplares, e vai crescendo organicamente, por adesão de entusiastas e consequente aprovação do projeto editorial. A facilidade de acessar os programas de editoração também gera revistas mais bonitas, mais próximas do objeto de arte. A gráfica que imprime o **RelevO** quase não suporta mais o aumento gradativo do número de periódicos para colocar diariamente em suas rotativas. Quinta para sexta-feira é o pior dia e já aconteceu de não conseguirmos horário para impressão.

Diferentemente de revistas eletrônicas, as pessoas pagam pelo impresso, o que diminui a importância dos anunciantes e melhora o fluxo de caixa para a continuidade periódica. O modelo de negócio do digital não oferece muitas possibilidades de rentabilização para pequenos empreendedores, que podem operar por muito tempo tendo mais custos do que lucro. Começar e ganhar algum dinheiro é ainda mais complicado, forçando muitos empreendedores a lidar com a literatura como distração das horas vagas — não que não seja assim no surgimento de muitos impressos.

A suposta derrocada dos impressos alimentou um mito entre as empresas digitais de comunicação and entusiastas: o dinheiro migraria do impresso para o digital exponencialmente, como num afluente de rio. Não aconteceu: o dinheiro se espalhou por toda a web ou está voltando aos impressos de nicho. Uma das mais significantes diferenças entre as publicações impressas e digitais é a habilidade de cobrar pelo produto à mão. E assim vamos.

Uma boa leitura a todos.

Dos leitores

PERFIL DO DIABO

Rafael Gayer O diabo usa barba então.

Henrique Fendrich Mó hipster.

PHEBO

Julia de Cunto Preciso confessar que nos últimos meses não estava dando a devida atenção ao **RelevO**, aliás, a quase nenhuma leitura prazerosa. Resolvi fazer um mestrado em literatura e mexer com poesia, então cheguei na fase em que abro um poema e me sinto observada por ele. Noia. Estudar Mallarmé estragou meu apetite, tudo tem ficado excessivamente complicado e, com tantos artigos pra entregar, fiquei super desanimada pra ler qualquer outra coisa. Mas o que vim dizer é que o texto sobre o sabonete Phebo me reconectou com o prazer da leitura. O conteúdo é tão sinestésico, que parecia que a página cheirava a Tuberosa do Egito, aroma do meu sabonete, creme hidratante e colônia. Esta última tive que deixar de usar, pois meu companheiro confessou que se sentia um pouco perturbado, pois o cheiro lembrava sua falecida avó. Mas ele mesmo é um fã do sabão com cheiro de rosas — a embalagem é amarela e a barra meio arroxeadada — e afirma que seu uso traz uma sensação de poder e sofisticação que nenhum produto parisiense da L'occitane pode oferecer. O sabonete Phebo desliza por nossas vidas há muitos anos. Às vezes, um banho com um Phebo é como um resgate da mediocridade cotidiana. Gostei muito! Parabéns ao jornal por essa escolha acertada.

Henrique Jr. Confesso que li o último número (agosto) de uma sentada — e isso é bom e ruim. Bom porque os textos que me fisgaram os li de um fôlego e querendo que tivesse mais, e ruim porque passei de passagem por aqueles que não me interessaram nada. Destaco o ensaio sobre o cineasta Walter Hugo Khouri — tema (cinema) que gostaria de ver com maior frequência nas páginas do jornal. O conto em versos “Um poema para Alberto Lins Caldas” também me surpreendeu positivamente. Quanto ao resto, resumo meu embasbacamento ou indiferença naquela página do ombudsman. O que foi aquilo?!

Milton Rezende Legal o jornal deste mês. Quatro textos bons num único número. Nunca havia acontecido. “Lapso”, “O Método Feynman”, “Sabonete Phebo” e “Meu amigo Roller Coaster”. Para comemorar, fui ao

supermercado e comprei um sabonete Phebo para guardar como relíquia. Até o preço batia com o da reportagem. Muito bom!

POXA

Emmanuelle Rosa Na edição de agosto do **RelevO** tem um ensaio meu sobre revisores de textos, uma profissão cuja lembrança da existência está condicionada ao erro. Por ironia da vida, o revisor decidiu logo de início ser lembrado errando letras no meu nome. Vacilos à parte, o **RelevO** é um periódico independente e resistente sobre literatura no formato de jornal impresso (pleonasma para resistente), que mensalmente chega à minha casa envolto em um envelope pardo carimbado com os dizeres “Qualquer coisa, a culpa é do revisor”.

Mônica Néspoli Manhãs literárias com um jornal especializado em literatura.

RECOMENDANDO

Fernanda Dante Melhor trinca possível: bom, bonito e barato.

Luciana Merley Recebi duas edições e fiquei muito impressionada com a qualidade, tanto dos textos quanto da edição. Especial demais.

CURIOSIDADES

Pedro D. A. Franco Lendo o excelente "O Lapso", de Mariana Salomão Carrara, me lembrei de publicação com o mesmo nome, conto de minha autoria, que carrega curiosidade literária, tanto que em 2015 foi publicado no jornal bilíngue *The water soft well journal (Aqua del pozo)*. O Lapso também deu título a livro de contos de minha autoria. Fraternal abraço e vale dizer que não concordo com os irmãos que falam em queda do nível literário do **RelevO**. Fraternal abraço e bola pra frente.

Diego Franco Gonçalves Eu acho que o Diabo tem usado Phebo em sua nova fase.

CAPA DA EDIÇÃO

Marcos Felipe Monteiro Talvez a melhor capa de sempre?

Bruno Candéas RelevO desse mês: só tenho olhos pra ele.

NOVO OMBUDSMAN

UGRA PRESS Chegou a nova edição e tem ombudsman em quadrinhos com Robson Vilalba [ganhador do prêmio

Vladimir Herzog de 2014 com a HQ *Notas de um Tempo Silenciado*]. Vem buscar seu jornal, a distribuição aqui na loja é gratuita.

Magno Cruz A partir de quando o jornal passará a aceitar guardanapos e blocos de Estar como ombudsman? Isso me cheira àquelas piadas do Joãozinho em que a engenhosidade é só preguiça: "tivemos um insight louco e decidimos fazer um ombudsman gráfico; só a gente mesmo!!!!".

Geraldine Ribeiro Olha, eu estava lendo e pensando que faltava algo mais sobre a literatura propriamente dita e seu poder. Mas aí cheguei na carta do japonês de nome "inlestrável" e impronunciável e pronto. Ficou completo. Vocês também foram na medida certa com poesia e prosa, não fica enfadonho.

Tato Freitas Nada como receber um presente incrível do pessoal do jornal neste domingo. Obrigado, pessoal!

POXA 2

Marco Aurélio de Souza É sempre uma felicidade publicar algo no **RelevO**. Sei que existem outros jornais bem melhores, mais bonitos, mais sérios, com editores mais cultos e sensuais (brinks, nesse ponto o Daniel Zanella é imbatível), mas o **RelevO** é diferente, porque é de papel — e nós amamos o papel — e porque seu RH não alimenta os poetas — o poema sai, mas você recebe um email dizendo que esse texto e autor não valem nada. Mas também gosto do jornal por motivos pessoais: foi o primeiro periódico literário — digital ou impresso — em que publiquei na vida. Eu não conhecia absolutamente ninguém do "meio literário" e o jornal até errou o meu nome, que é tão simples — fiquei meio puto com isso, mas bem feliz com o resto (depois fui descobrir que esse era o charme do jornal). Enfim, isso foi em 2014, mas continuo feliz sempre que vejo meus textos no jornal, por isso digo: assinem — não pra ajudar ninguém, mas porque vale a pena gastar 50 reais POR ANO pra receber em casa TODO MÊS um jornal de literatura que não se leva tão a sério. E se você não entende a importância de levar a vida um pouco mais na brincadeira, bróder, vai por mim, você também tá precisando se levar menos a sério. Urgentemente, aliás (então assina logo, porra).

ASSINAR O JORNAL?

Lucas Vaz Não, obrigado.

Nosso jornal nas bibliotecas comunitárias do Brasil

Pará	Espaço Cultural Nossa Biblioteca Biblioteca Comunitária Carolina Maria De Jesus Biblioteca Comunitária Rios De Letras Espaço Comunitário Literário Livro Encantado BomBomLer
Belém	
Ananindeua	Biblioteca Comunitária Moara
Maranhão	Biblioteca Comunitária Paulo Freire Biblioteca Comunitária Prazer em Ler Biblioteca Comunitária Arco Iris do Saber Biblioteca Comunitária Semente Literária Biblioteca Comunitária Mundo do Saber Biblioteca Comunitária Portal da Sabedoria Biblioteca Comunitária Josué Montello Biblioteca Comunitária Wilson Marques Biblioteca Comunitária Caminho do Conhecimento Biblioteca Comunitária Arthur Azevedo Biblioteca Comunitária da Residência 05 Biblioteca Comunitária Monteiro Lobato Biblioteca Comunitária O Fantástico Mundo Da Leitura Biblioteca Comunitária Viajando pela Alegria do Saber Biblioteca Comunitária Monteiro Lobato Biblioteca Comunitária Cora Coralina
São Luís	
Ceará	Biblioteca Comunitária Sorriso da Criança Biblioteca Comunitária Criança Feliz Biblioteca Comunitária Jardim Literário Biblioteca Comunitária CL Professor Leônidas Magalhães Biblioteca Comunitária Famílias Reunidas Biblioteca Comunitária Mundo Jovem Biblioteca Comunitária Papoco de Ideias Biblioteca Comunitária Casa Camba de Sabiaguaba Biblioteca Comunitária Plebeu - Gabinete de Leitura
Fortaleza	
S. G. do Amaranje	Biblioteca Comunitária Literateca
Pernambuco	Biblioteca Popular do Coque Biblioteca Comunitária Amigos da Leitura Biblioteca Comunitária Educ Guri Biblioteca do Cepoma
Recife	
Jaboatão dos Guararapes	Biblioteca Comunitária do Peró
Olinda	Biblioteca Multicultural Nascadouro Biblioteca Comunitária Lar Meimeiro
Bahia	Biblioteca Comunitária Clementina de Jesus Biblioteca Comunitária do Calabar Biblioteca Comunitária Condor Literário Biblioteca Comunitária de Italo Biblioteca Comunitária Novo Amanhecer Biblioteca Comunitária Padre Alfonso Pacciani Biblioteca Comunitária Padre Luis Campinotti Biblioteca Parque São Bartolomeu Biblioteca Comunitária Paulo Freire Biblioteca Comunitária Sandra Martini Biblioteca Comunitária São José de Calazans Biblioteca Comunitária Sete de Abril Biblioteca Comunitária Tia Jana Biblioteca e Infocentro Maria Rita Almeida de Andrade
Salvador	
Minas Gerais	Biblioteca Comunitária Livro Aberto
Belo Horizonte	
Betim	Biblioteca Comunitária Professor Arlindo Correa da Silva Biblioteca Comunitária Cantinho dos Sonhos Biblioteca Comunitária Salão do Encontro
Sta. Luzia	Biblioteca Comunitária Corrente do Bem
Sabará	Borrachaliteca
Rio de Janeiro	Biblioteca Comunitária Wagner Vinício Biblioteca Comunitária do Cerro Corá Biblioteca Comunitária Palavras Compartilhadas Biblioteca Comunitária Atelier das Palavras Biblioteca Comunitária Carolina Maria de Jesus Biblioteca Comunitária Jurema Gomes Baptista Biblioteca Comunitária Elias José Biblioteca Comunitária Walter de Araujo
Rio de Janeiro	
Duque de Caxias	Biblioteca Comunitária Josimar Coelho da Silva Biblioteca Comunitária MANN'S Espaço Literário Balaio de Leitura Varanda Literária Maria de Lourdes Miranda Biblioteca Comunitária Vila Aracy
Nova Iguaçu	Biblioteca Comunitária Paulo Freire Biblioteca Comunitária Thalita Rebouças Biblioteca Comunitária Olhar Cultural Biblioteca Comunitária Prof. Judith Lacaz Biblioteca Comunitária Mágica Biblioteca Comunitária Ziraldo Biblioteca Comunitária Zuenir Ventura Biblioteca Comunitária Três Marias Biblioteca Comunitária J. Rodrigues
Paraty	Bib. Com. Centro de Educação Integral Cairuçu Laranjeiras Bib. Com. Centro de Educação Integral Cairuçu Patrimônio Bib. Com. Centro de Educação Integral Cairuçu Ponta Negra Biblioteca Comunitária Casa Azul Biblioteca Comunitária Colibri Biblioteca Comunitária Itema Biblioteca Comunitária Regina Célia Gama de Miranda
São Paulo	Biblioteca Comunitária Caminhos da Leitura Biblioteca Comunitária Cultura no Quintal Biblioteca Comunitária Solano Trindade Biblioteca Comunitária Ademir dos Santos Biblioteca Comunitária Djeanne Firmno Bib. Com. EJAAC - Espaço Jovem Alexandre Araujo Chaves Biblioteca Comunitária de Heliópolis
São Paulo	
Guarulhos	Biblioteca Comunitária Picaideiro da Leitura
Mauá	Biblioteca Comunitária Mundo dos Livros Biblioteca Comunitária do CCDL
Rio Grande do Sul	Biblioteca Comunitária Girassol Biblioteca Comunitária Aninha Peixoto Biblioteca Comunitária do Arquipélago Biblioteca Comunitária do Arvoredo Biblioteca Comunitária Ceprimoteca Biblioteca Comunitária Chocolate Biblioteca Comunitária Cilandar Biblioteca Comunitária Visão Periférica Espaço Multicultural Livros sobre Trilhos Biblioteca Comunitária do Cristal
Rio Grande do Sul	
Porto Alegre	
Dist. Federal	Biblioteca Escolar e Comunitária da EQS 108/308
Brasília	

QUER DISTRIBUIR O RELEVO?
ESCREVA PARA CONTATO@JORNALRELEVO.COM

Onde posso encontrar um Jornal Relevo para esboçar um sorriso enquanto leio?

ACRE

Rio Branco Livraria N&S / Livraria Paim

ALAGOAS

Maceió Casa de Cultura Luso-Brasileira

AMAZONAS

Manaus
 Kalena Café
 O Alienígena Acervo e Espaço Cultural / Sebo Edipoeira

BAHIA

Salvador
 Livraria Boto-Cor-de-Rosa / Midialouca / Livraria LDM Ibrotas, Glauber Rocha e Shopping Piseo Itaipava

Lauro de Freitas
 Livraria Dom Casmurro

Vitória da Conquista
 Livraria LDM

CEARÁ

Fortaleza Livraria Lamarca / Sebo Ellenia / Livraria Arte & Ciência / Livraria Siara

DISTRITO FEDERAL

Brasília
 Banca da Conceição / Livraria, Café e Bistrô Sebhino

Ernesto Cafés Especiais / Rapport Cafés Especiais e Bistrô / Quanticafé / Martinica Café / Vicalli

Caixa Cultural / ONG Moradia e Cidadania / Instituto LGBT

Ceilândia
 Jovem de Expressão

ESPÍRITO SANTO

Vitória
 Torre do Papel

Dores do Rio Preto
 A Cafeteria

Guarapari
 Banca da Lua

São Mateus
 Livraria Sebo & Arte

GOIÁS

Goânia
 Evoé Café Com Livros / Livraria Palavrear / Livraria Leodegária

Café Carino

Anápolis
 Café S/A

MARANHÃO

São Luís Livraria Poeme-se / Sebo Arteiro

MATO GROSSO

Cuiabá
 Bazar do Livro Matriz / Sebo Rua Antiga
 Metade Cheio

MATO GROSSO DO SUL

Campo Grande Livraria Le Parole

MINAS GERAIS

Belo Horizonte
 Armazém do Livro / Livraria Dona Clara / Livraria da Rua / Sebo Ubuntu
 Café do Palácio / Café 104
 Espaço Guaja

Itajubá
 Lume Livraria / Sebo Bis

Pouso Alegre
 Sebo São Darwin

Tiradentes
 Livraria Café Itatiaia

PARÁ

Belém
 Fox Livraria, Café, Papelaria e Locadora de Vídeos / Sebo do Gueto

Santarém
 BPP Sebo & Locadora

PARAÍBA

João Pessoa
 A Budéga Arte Café
 Viveiro Pirata / Quintal Armorial / Centro Cultural Espaço Mundo / Usina Cultural Energia / Centro Cultural Ariano Suassuna

Cajazeiras
 Livraria Universitária CZ

PARANÁ

Curitiba
 Agendarte Livros / Sebo Releituras / libtan Comic Shop / Joaquim Livros & Discos / Livraria Arte & Letra / Le Mundi Café Terapêutico e Livroteca / Livraria do Chaim / Sebo Arcádia / Sebo Santos / Livraria Barbante / Livraria Vertov
 Supernova Coffee Roasters / Rause Café / Café Mito / Café Lisboa / Café do Vagante / Chelsea Café / Café do MON / Magnolia Café / Panificadoras Quintessência / Provenço Boulangerie / Botanique Café Bar Plantas / Brooklyn Café / Café Avenida / Café Tiramisu / Espresso Café / Café do Mercado / Café do Teatro / Kaveh Kanes / Fingen Café / Moto Racer Café

O Torto Bar / Tuboteca / Freguesia do Livro / Centro Europeu / Bala Salim / Kikos Bar / Biblioteca do Paço / Biblioteca Pública do Paraná / Selvática Ações Artísticas / SESC da Esquina / Paço da Liberdade

Apucarana
 SESC Apucarana

Araucária
 Banca da Aracy
 Duetto Café
 Casa Eliseu Voronkoff / FISK

Caiobá
 SESC Caiobá

Campo Largo
 Barba Camisetas / Inspirarte

Cornélio Procopio
 SESC Cornélio Procopio

Foz do Iguaçu
 SESC Foz do Iguaçu

Francisco Beltrão
 SESC Francisco Beltrão

Guarapuava
 Gato Preto Discos e Livros / A Página Livraria
 SESC Guarapuava

Ivaiporã
 SESC Ivaiporã

Jacarezinho
 SESC Jacarezinho

Lapa
 Livraria & Papelaria Nanise

Londrina
 Livraria da Sílvia / Nosso Sebo
 SESC Londrina (Cadeião e Centro)

Maringá
 Café Literário

Medianeira
 SESC Medianeira

Pato Branco
 Alexandria Livraria e Cafeteria
 SESC Pato Branco

Piraquara
 Livrarias Nobre Cultura

Ponta Grossa
 Verbo Livraria / Sebo Espaço Cultural I e II
 Hostel Paraná / Phono Pub / Frederico Cervejas & Cervejas

São José dos Pinhais
 Sebo da Visconde

São Mateus do Sul
 Vitors & Cia

Toledo
 Livraria Baluarte

Umuarama
 SESC Umuarama

PERNAMBUCO

Recife
 Livraria Praça de Casa Forte / Livraria Ideia Fixa
 Cládestino Café / Borsoi Café Clube - PINA / Borsoi Café Clube - CALIFORNIA / A Vida É Bela Café / Malakoff Café / Brigadeiro Café

Garanhuns
 Livraria Casa Café

Oitinda
 Sebo Casa Azul

Salgueiro
 Capabella Sebo

PIAUI

Teresina Café da Gota Serena / Café Art Bar

RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro
 Belle Époque Discos e Livros / Livraria Leonardo da Vinci / Blooks Livraria / Livraria Argumento Leblon / Livraria Argumento Rio Design Barra / Livraria Beco das Letras / Artequim / Letra Viva Filial / Livraria Beringela / Livraria e Edições Fofha Seca / Banca do Andre
 Café Pingado
 Espaço Saracura / Cine Jôia

Cabo Frio
 Sebo do Lanati / O Sebo Antigo

Mesquita
 Sebolinha Livros e Revistas

Nova Friburgo
 Sabor de Leitura

Paraty
 Livraria de Paraty
 Teatro Espaço / Casa da Cultura de Paraty

Petrópolis
 Livraria e Bistrô de Itaipava

Seropédica
 Canto Geral Livros e Discos

Três Rios
 Livraria Favorita

RIO GRANDE DO NORTE

Natal
 Sebo Café

Mossoró
 Resebo

Praia da Pipa
 Book Shop

RIO GRANDE DO SUL

Porto Alegre
 Cirkula / Livraria Bamboletras / Livraria Baleia / Livraria Raizes / Livraria Taverna / Traça Livraria
 Café Cartum
 Galeria Hipotética

Bento Gonçalves
 Dom Quixote Livraria & Cafeteria

Canela
 Empório Canela

Caxias do Sul
 Do Arco da Velha Livraria & Café
 Dulce Amore Café & Algo Mais

Frederico Westphalen
 Vitrola

Santa Maria
 Athena Livraria (Floriano e Praça Nova) / Anatera Livros

São Francisco de Paula
 Miragem Livraria

Venâncio Aires
 Castelo Livraria & Café

SANTA CATARINA

Florianópolis
 Sebo Ilha das Letras / Livraria Livros & Livros
 Café Cultura Lagoa da Conceição / Café Cultura Primavera / Café Cultura Shopping Iguatemi / Café Cultura Multi Open Shopping / Café Cultura Aeroporto Hercílio Luz
 Tratharia

Balneário Camboriú
 Santo Livro Livraria e Bookstore
 Café Cultura Balneário Shopping

Blumenau
 Livraria Blulivro

Brusque
 Livraria Saber

Caçador
 Livraria Selva

Criciúma
 Café Cultura Nações Shopping / Café Cultura Metropolitan Business Center

Joinville
 Barba Ruiva Livros & Discos
 Casa 97

Mafrá
 Restaurante Amora Sustentável

Morro da Fumaça
 Livraria Beco Diagonal

São Bento do Sul
 Dom Quixote Livros

São José
 Sebo Ilha das Letras
 Café Cultura Continente Shopping

Tubarão
 Libretto Livraria
 Café Cultura Farol Shopping

SÃO PAULO

São Paulo
 Comix Book Shop / Interméios Casa de Arte e Livros / Livraria Zaccara / UGRA PRESS / Blooks Livraria / Banca Curva / Desculpe A Poeira / Patuscada Bar / Livraria NoveSete / Banca Tatui / Livraria Roteiro / Livraria Simples
 A Casa Tombada / Casa Guilherme de Almeida / Teatro do Centro da Terra / Matilha Cultural / Estúdio Lámina / Tapera Taperá / Casa do Povo / Casa das Rosas / Instituto Moreira Salles / Escrevedeira / Literário Café & Coworking

Araçatuba
 Sebo Dom Quixote

Araraquara
 Casa da Cultura / Palacete das Rosas

Botucatu
 Sebo Alfarrábio

Campinas
 Livraria Pontes / Sebo Porão / Contracultura
 TORTA - Espaço para um Dedo de Prosa

Campos do Jordão
 Livraria Jaguaribe

Franca
 Sebo Almanaque
 Confraria Cult / IPRA

Guarulhos
 Livraria Guarulvivos

Itatiba
 Livraria Toque e Letras

Mogi Mirim
 Banca do Sardinha

Piracicaba
 Sebo do Formiga

Ribeirão Preto
 Livraria Travessa Ribeirão

Santo André
 Livraria Pacobello
 Gambalaia Espaço de Artes e Convivência

Taubaté
 Sebo Estação Cultural

Vinhedo
 Sebo Vinhedo

SERGIPE

Aracaju Livraria Escariz

Locais Relevantes



O Alienígena facebook.com/seboalienigena/
Manaus / AM



Gato Preto facebook.com/gatopretodiscos/
Guarapuava / PR



Sebo Edipoeira instagram.com/seboedipoeira
Manaus / AM



Kikos Bar bit.ly/kikosbar
Curitiba / PR



Banca Tatui www.bancatatu.com.br
Desenho por Angela León
São Paulo / SP

Legenda

Livrarias, bancas e sebos

Cafeterias e panificadoras

Espaços culturais

Quer aparecer aqui?

Entre em contato!
contato@jornalrelevo.com

OMBUDSMAN

É VERDADE QUE SE NÃO APARECEREM AS PALAVRAS 'FLUXO DE CONSCIÊNCIA' 743 VEZES AO LONGO DO ANO, DIMINUEM AS ASSINATURAS DO JORNAL?

DE ONDE VOCÊ TIROU ISSO?

E O TEXTO DO SABONETE PHEBO?

EU FALANDO COMIGO MESMO AO LONGO DA COLUNA É UM TIPO DE FLUXO DE CONSCIÊNCIA?

745.

IMPORTANTE NOS PERGUNTARMOS QUANDO FOI QUE SAÍMOS DE UMA SOCIEDADE PHEBO PARA UMA SOCIEDADE TOY ART?

PHEBO É COISA DE VELHO.

TOY ARTE TAMBÉM!

ACABEI DE INVENTAR! FOI FLUXO DE CONSCIÊNCIA!

744.

E A ENTREVISTA COM O DIABO DA VICENTE MACHADO?

AGORA O QUE ME SURPREENDEU FOI AQUELE POEMA PARA ALBERTO LINS CALDAS. TINHA UM CARA NA MINHA CIDADE, RONDONÓPOLIS, MATO GROSSO...

NÃO É A CIDADE DO REI DA MOTOSSERRA?

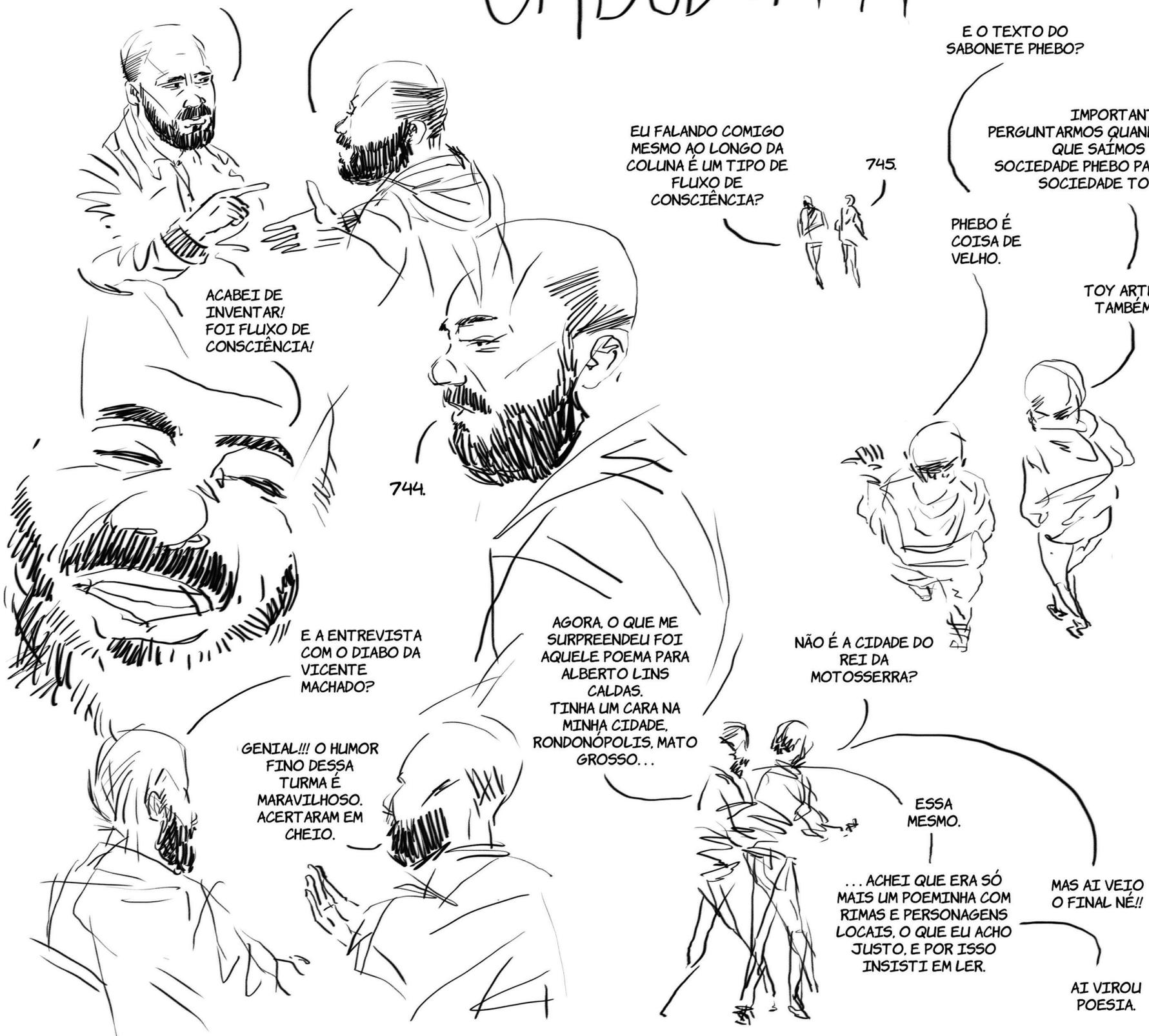
GENIAL!!! O HUMOR FINO DESSA TURMA É MARAVILHOSO. ACERTARAM EM CHEIO.

ESSA MESMO.

... ACHEI QUE ERA SÓ MAIS UM POEMINHA COM RIMAS E PERSONAGENS LOCAIS. O QUE EU ACHO JUSTO, E POR ISSO INSISTI EM LER.

MAS AI VEIO O FINAL NÉ!!

AI VIROU POESIA.



Vidente e visível nas artes plásticas

Donny Correia

Qual é a força, por certo insondável para o senso comum, que rege a hierarquia do olhar quando nos deparamos com uma obra de arte e por ela nos deixamos arrebatar no êxtase estético? Nosso olhar, que passeia de sobrevoos por essa obra, precisa obedecer uma bula, um guia de leitura para desvendar cada golpe desferido pelo artista, digamos, numa tela? Há, na vastidão de tons espalhados por essa tela uma narrativa que possa ser colocada em termos lineares a fim de que consigamos organizar a sucessão de informações que nos dirão algo? E o que nos dirão? Será a narrativa de uma pintura o que nos revela por osmose ou o que “lemos” é menos uma racionalização cartesiana e mais uma revelação fenomenológica?

Merleau-Ponty, citando Paul Valéry, afirma que “O artista emprega seu corpo”. E completa: “de fato, não se percebe como um espírito poderia pintar. É oferecendo seu corpo ao mundo que o pintor transforma o mundo em pintura. Para compreender essas transsubstanciações, é preciso reencontrar o corpo operante e atual, aquele que não é uma porção do espaço, um feixe de funções, que é traçado de visão e de movimento” (2013, p. 18). Nesse caso, o espírito

seria a essência última da percepção, de maneira que, sendo etéreo, necessitaria do corpo vivo e operante do pintor para materializar os meandros da obra, dando-lhe sentido narrativo.

A questão que perpassa noções de narrativas visíveis na obra de arte, bem como aquelas que dizem respeito à resposta do observador diante do discurso mudo e virtual de uma obra, que invade a absorção do vidente, é um terreno pantanoso e repleto de subjetividades. Penso sempre no ícone maior de Velázquez, *Las meninas*, mas não poderia fazer dele o objeto deste pequeno ensaio. Em primeiro lugar, porque os estudos contemporâneos sobre a pintura do aposentador real Diego Velázquez (1599-1660) já encontraram solo suficientemente férteis em Michel Foucault e Daniel Arasse; em segundo lugar, porque o item anterior invalida qualquer de minhas apressadas investidas sobre o caso referido.

Em vez disso, quero sugerir uma possível chave de leitura para o fenômeno que se dá a perceber, expandindo-se desde as pinceladas de um artista, quando estamos diante da obra de arte. E, para isto, preciso pontuar no tempo o momento em que o conhecimento humano divorciou-se

da fé e a Filosofia passou a olhar mais para o sujeito do que para o objeto. Dessa forma, não posso deixar de chamar a atenção às pequenas crises e revoluções humanas e artísticas que tomaram o século 16 de assalto, entre a consolidação da imprensa, desde Gutenberg, nos idos de 1450, passando pelas reformas religiosas, encontrando a crise do domínio da técnica pictórica. Aqui, preciso me ater para deixar claras as razões que revolucionam a representação figurativa do mundo.

Em meados do século 16, a arte havia atingido uma espécie de ápice de suas possibilidades. Ao pintor, considerado muito mais um artífice comissionado por sua excelência técnica, não lhe era facultada a reputação pela expressividade de sua alma. O escorço dominado no Renascimento era quase uma tabuada, fixa, imutável e incontestável. Foram os maneiristas os primeiros a empregar traços mais ou menos autorais em seus trabalhos, como se protestassem mudos e reclamassem o direito autoral à obra. Mas a Arte Sacra não fazia concessões. Somente a partir do declínio do catolicismo e de seu isolamento em reinos como Roma, além da França e da Península Ibérica, é que os mesmos artistas que trabalhavam a serviço

da representação místico-santificada puderam relativizar a receita de seus procedimentos técnicos, o que deu margem ao surgimento de obras jamais pensadas. Um dos que mais contribuiu para esta nova fase da História da Arte foi Michelangelo Merisi, vulgo Caravaggio (1571-1610).

O que vemos

Caravaggio era uma força da Natureza. Pouco se sabe sobre sua vida, a não ser que nasceu próximo a um vilarejo cujo nome adotaria anos mais tarde, que quando jovem, entediado e inquieto, foi para Roma e ingressou como assistente no estúdio de um reputado pintor. Após padecer de uma doença que o debilitou, foi requisitado pelo Cardeal Del Monte para pintar algumas obras sacras em honra da Igreja e das passagens míticas da Bíblia, o que o fez com excelência. Mas Caravaggio era um hedonista que preferia passar a vida nos bairros baixos de Roma, em meio a prostitutas, ladrões, bêbados e assassinos. Se por um lado o pintor se valeu dessas figuras desvalidas que preenchem seu cotidiano, colocando-os como modelos de cenas consagradas, por outro passou a criar quadros inéditos, que ilustravam a vida mundana

e a oral humana em seu tempo. É o caso de *Os trapaceiros*, de 1594, um bom exemplo dos primórdios da pintura de gênero, que inundaria, no século seguinte, um promissor comércio de obras de artes, muito corrente numa Europa pujante de estímulos culturais.



Os trapaceiros (1594), óleo sobre tela

Na imagem acima, somos apresentados a uma mesa de jogo em que dois jovens disputam uma mão de carteadado. Enquanto o belo efebo em nossa esquerda se concentra em seu próximo movimento, o apressado rapaz à direita prepara uma jogada desleal, valendo-se de algumas cartas extras, escondidas nos fundos de suas vestes. Ao centro, um homem mais velho, de aspecto carrancudo e pouco confiável, age como um mentor do aspirante a burlão. Sorrateiro, observa as cartas em poder do pobre incauto e, num gesto delicado, pede cautela a seu pupilo até que ele sinalize o momento propício ao golpe. Caravaggio evidencia o ambiente em que a cena acontece, chamando nossa atenção à luva carcomida do mentor escroque, que contrasta com o resto de suas vestes e as de seus companheiros. Há um misto de ostentação e miséria que se alterna em nosso olhar. Nada mais barroco do que a sobreposição dos mundos, realçada pela luz ambígua que rebate no rosto do garoto que será trapaceado e explode na parede do fundo do aposento, espriando-se em lento desvelo para revelar o ardil do outro jovem. É pela luz rebatida que entendemos por onde abordar a obra e para onde caminhar dentro dela.

Mas ainda há algumas sutilezas a serem observadas, para que melhor entendamos a complexidade do momento. Caravaggio deixa-nos saltar à vista o cabo do punhal na cintura do trapaceiro. Imediatamente pensamos que, caso a jogada

desonesta resulte numa discussão, rapidamente nosso pária poderá se valer de sua arma para desferir rapidamente um golpe no oponente. O olhar do garoto, sem dúvida, denuncia mais a preocupação de um embate físico do que a de uma jogada arranjada com perfeição. O ímpeto de uma juventude marginal deixa-se ver por nós, que ainda estamos entretidos com o pequeno tabuleiro, à esquerda, prestes a cair no chão. Caravaggio faz de nosso olhar uma força centrífuga, que é obrigada a passear por todos os cantos do quadro em busca de elementos que dão unidade ao que imaginamos. Não devemos mais orações à magnitude de santos e anjos nas imagens da Paixão do Cristo. O problemático Caravaggio nos confronta com uma narrativa do cotidiano, da ordem do humano e do mundano. A partir de então, a arte passaria cada vez mais a ser o ponto de contato entre o criador da obra e seu observador.

A partir do século 17, quando Descartes coloca a dúvida sobre todas as coisas, fazendo dela o ápice da consciência de si, no sentido de que “se duvido, é porque penso. E se penso, logo existo”, a arte já se apresentava como representação de um mundo palpável. Em países de

orientação religiosa protestante, como a Holanda, a liberdade de expressão deu margem para que pintores como Johannes Vermeer (1632-1675) voltassem-se mais para a imanência de seu cotidiano do que para a transcendência pelo credo.

Vermeer é outra figura de quem pouco sabemos. Por exemplo, sabemos que nasceu em Delft, cidade bastante retirada no interior holandês. Sabemos que teve onze filhos e que dependia da pintura para sustentar seu lar. Sua sogra, austera e exigente, era também sua marchant, o que muito dificultou a vida do pintor, já que ele gostava de trabalhar com muita calma e atenção aos detalhes. Não se obrigava a atender a uma encomenda com urgência. Preferia passar meses, ou anos, estudando as sutilezas do olhar ao prostrar-se diante de uma tela em branco. Mesmo que sua sogra o pressionasse a terminar uma demanda para logo receber o pagamento, Vermeer não se furtava ao minucioso exercício da percepção visual. Por isso, pintou muito pouco. E pela pouca entrada de capital do mecenato, contraiu dívidas. Perdeu todos os poucos bens e morreu aos quarenta e três anos, vitimado pela exaustão de ver suas poucas posses confiscadas pelo Estado. Um homem moderno.

Seu legado é um documento sobre a vida comecinha, que impõe demandas muito específicas, se bem que universais. Observemos a obra



Carta de amor (1669-70), óleo sobre tela

Carta de amor, pintada entre 1669 e 1670, no auge de sua maturidade técnica.

Durante uma sessão de alaúde, uma robusta senhora é interrompida por sua empregada, que acaba de lhe entregar uma carta. Na cena, atentemos à troca de olhares entre a dona da casa e a empregada. Podemos especular que essa senhora, ao tomar a carta em sua mão, sugere que sua empregada a deixe só para que possa desfrutar do pecadilho registrado na missiva. Por outro lado, também é possível especular que essa empregada, ciente dos segredos de sua senhora, usa do fato para lhe sugerir uma chantagem. Nunca saberemos ao certo, embora nós, os espectadores do quadro, tenhamos sido colocamos na posição de quem espreita tudo, pelo cômodo adjunto. Vermeer nos coloca por trás das paredes, às escondidas, voyeurs de um fruto proibido. Se hoje especulamos qual seria a relação entre aquelas duas mulheres, não estamos muito distantes do que o pintor deve ter pensado ao conceber o arranjo do quadro. Não seria possível, nem mesmo naquele momento, saber as reais motivações das personagens, e isso é o que confere riqueza à écfrase da obra.

E o que nos vê

Mas como o fenômeno da inerência se manifesta diante de nós,

enquanto perscrutamos os detalhes de uma pintura?

Chamo a atenção do leitor para algumas obras mais obscuras, mas que impactam nossa percepção visual sem fazer concessões. São imagens que nos penetram e nos intimidam tanto quanto o olhar do pintor Velázquez diante de nós, enquanto registra uma cena palaciana que envolve o casal real e sua filha. A nova menção a Diego Velázquez não é por acaso. Contemplemos, por um momento, sua interpretação de uma passagem bíblica em que Cristo visita a casa das irmãs Marta e Maria,

pintada em 1618.



Cristo na casa de Marta e Maria (1618), óleo sobre tela

No Evangelho de Lucas (10: 38-42), conhecemos a passagem em que o profeta Jesus, em meio às suas peregrinações, decide passar algum tempo na casa de Marta e Maria para beber água, descansar e comer. Marta, preocupada com a imagem que deve passar ao Messias, coloca-se a organizar a casa, a preparar a comida, a limpar o chão e a outras atividades domésticas. Em certa altura, começa a se sentir preterida, enquanto sua irmã, Maria, prefere sentar-se ao lado de Cristo para ouvir suas palavras. Marta, já irritada, intima o Profeta a aconselhar sua irmã que a ajude com os afazeres do lar, ao que Ele responde que “Pouco ou quase nada é preciso”. Jesus faz Marta compreender que a opção pelo asseio exacerbado do lar era dela mesma, nunca por culpa de sua irmã, que permaneceu ao lado d’Ele o tempo inteiro. Enfim, Ele não estava lá para examinar os cuidados de Marta com seu lar e com a imagem que se deve passar a um visitante ilustre. Jesus queria apenas descansar e repor seus ânimos para mais um dia pela frente.

Quando olhamos o quadro de Velázquez, algo de insólito nos arrebatava. Enquanto Marta prepara o peixe na cozinha, ao fundo, por uma suposta janela interna, vemos Maria ouvindo atenta às palavras do Messias. Os olhos de Marta parecem mirar em perspectiva para algo que não vemos. Ela não nos olha, mas olha algo que está próximo de nós. Ficará mais intrigante se imaginarmos que esta janela na parede não é uma janela, mas um espelho, tão presente na pintura desde o século 14. Assim, a superposição de planos pictóricos empregada pelo pintor pode representar um novo escopo na arte

figurativa bíblica. O corpo de Cristo está para além do quadro. Espinoza já versava sobre o fato de Deus estar nas coisas e não acima de todas elas. Marta nos convida a olharmos para o lado e reconhecemos um Deus mundano, enquanto remói a mágoa por ter de se

dedicar ao almoço sozinha, no mesmo momento em que sua irmã decide sorver cada palavra proferida pelo Salvador. O sentimento de inveja e desprezo no olhar de Marta corrobora para a desmistificação do sagrado. É apenas um ser humano, transbordando sentimentos humanos, diante de um suposto Deus.

Entretanto, o olhar do artista pode ser cada vez mais intensificado ao longo da História da Arte, colocando a velha dicotomia do vidente-visível num pedestal mais intimidador ainda.



Retrato de Arnold Schönberg (1923), de Man Ray, fotografia em chapa de gelatina

Olhar para o rosto do compositor Arnold Schönberg (1874-1951) é perceber como a lente da câmera de Man Ray (1890-1976) devassou a alma de um músico visionário, atormentado e obsessivo. Para além disso, Ray fez Schönberg devassar a

nossa própria percepção. Um olhar desatento para o choque estético pode enxergar apenas um retrato fugidivo de um músico que levou em testamento a criação da dodecafonía. Mas o olhar de Man Ray seria tudo, menos uma tentativa de registrar objetivamente o maestro maior de seu tempo. Quando encaramos Schönberg, um frio pela espinha nos arrebatava. Estamos diante de um organismo vivo. Reconhecemos a corrente do sangue que pulsa no olhar circunspeto. As obsessões dele com o mundo e, principalmente, com sua data de nascimento e como isso determinaria sua data de morte – como, de fato, espantosamente, parece ter influenciado –, bem como sua condição de judeu que teria de fugir do nazismo, anos depois da foto, se manifestam pelas frestas do tempo impresso nas marcas do rosto de um homem na casa dos cinquenta anos, nu diante de seu espectador, sem qualquer tentativa de arrefecimento de uma certa dor da modernidade, que exala do semblante. Impossível não pensar

nos autorretratos de Rembrandt, quando aquele outro holandês, mais cosmopolita e festivo, imprimia em sua tela cada resquício do tempo que lhe tinha ultrapassado, impiedoso e contínuo.

Embora, no caso de Man Ray, a técnica seja completamente diferente, e estejamos lidando com uma fotografia em que a magia do olhar se dá pelos cristais de gelatina emulsionados, e não pelas cores tramadas nas misturas de uma paleta de tinta, me permito uma licença para desviar o foco diretamente para o efeito obtido. E o efeito obtido, neste caso, reflete, em grande medida, o melhor e o pior de um tempo em que o ser humano se viu moderno, achacado pelos ponteiros de um relógio, desamparado pela opressão da máquina, desorientado em meio às conquistas tecnológicas, que destruíram o idílio positivista na “Guerra para acabar com todas as guerras”. As feições duras e marcadas

do maestro traduzem um tempo de reflexão pós-implosão – de onde o fez retirar os acordes atonais para suas melodias de timbres – e, também, antecipam dias mais sombrios e incertos. Somente a arte tem este poder, a exemplo do que postulou Kandinsky (2000, p. 27): “Toda obra de arte é filha de seu tempo”.

Síntese do olhar

O fenômeno, que precede as relações aritméticas da percepção, segundo Merleau-Ponty, é menos uma consciência organizada de um mundo a ser explorado, e mais uma revelação que se dá por meio de um choque da imbricação do mundo. Infere ele: “O enigma consiste em meu corpo ser ao mesmo tempo VIDENTE e VISÍVEL [grifo meu]. [...] É um si, não por transparência, como o pensamento, que só pensa seja o que for assimilando-o, constituindo-o, transformando-o em pensamento — mas um si por confusão, por narcisismo, inerência daquele que vê ao que ele vê, daquele que toca ao que ele toca, do senciente ao sentido — um si que é tomado portanto entre coisas, que tem uma face e um dorso, um passado e um futuro...” (2013, pp. 19-20).

De fato, toda obra de arte há de ser filha de seu tempo e capaz de, nela, encapsular as manifestações da cultura de determinado período. Porém, a verdadeira obra também há de deixar o legado às gerações seguintes não para que somente compreendam como se vivia em determinado período, mas também para apontar como será o decurso das gerações do futuro, não de maneira teleológica, mas numa massa quiasmática que abole as relações de tempo e de espaço e, no limite, há de autopsiar determinados momentos na História da Humanidade, pondo à mostra, num processo de pornografia moral, o espólio de um conhecimento presumido, mas que ainda é apenas tateado.

Referências

- Bíblia Sagrada*. Quebec: Kobo Editons, 2012.
 KANDINSKY, Wassily. *Do espiritual na arte*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
 MERLEAU-PONTY, Maurice. *O olho e o espírito*. São Paulo. Cosac Naify, 2013.

Richard Roch

06.08 – 22.21

avenida batel com
silveira peixoto

- salve
- salve
- indo pra casa?
- tô

ci intercâmbio / óptica
isa / paraná laser copy

- e deu boa?
- fiz só dez hoje
- e quando dá boa dá quanto?
- dá sessenta eu volto pra casa

pague menos farmácia
drugstore / edifício vilas
boas / vende 3353-2552

- mora pra onde?
- sítio cercado
- e volta como?
- bairro novo. cê acha que eu tô vendendo barato?
- faz por quanto?
- dois. é uma por dois, três por cinco e seis por dez
- e paga quanto na caixa?
- onze
- se tu vender todas por dois tira sessenta, quarenta e nove por

caixa. se pá

- é
- e volta solo?
- volto com meus amigos mas não vieram hoje
- por que?
- frio se pá

avenida batel com bento
viana, posto petrobras,
frentistas olham

- eles embaçam?
- não. são gente boa. ô gay
- ô piá [frentista]
- e essa barba de papai noel aí? [risos]

domino's pizza / bradesco
/ ponto de ônibus

- e tu vem que horas?
- três. ó um camaro.
- camaro não. ferrari
- tá mal de grana
- será que se eu correr eu pego? não. abriu
- a galera desses carros dá uma grana ou nem?
- dá cinquenta, cem. já me deu cento e cinquenta uma vez o cara daquele carro no estacionamento do shopping
- ferrari?
- não. aquele que é um

tipo um m a marca

- bugatti
- esse
- bugatti é pique de jogador
- é

avenida do batel com
ângelo sampaio, entramos
na benjamin lins

- foi pra aula hoje?
- de manhã
- e qual cê curte?
- ciências e matemática
- matemática eu curtia. mas ciências é massa né?
- é
- e fortalece a grana das balas em casa daí?
- uma parte eu fico. dos cento e cinquenta daquela vez eu fiquei com cinquenta
- e compra uns pano?
- é
- eu boto fé. massa uns pano
- é
- e a galera que toma bera aqui, fortalece ou nem?

benjamin lins com
coronel dulcídio

- aqui os segurança não

dexa

estacionamento – lava
car / santiago, bega
e petry sociedade de
advogados / shopping
crystal

– eu trampava numa
confeitaria que tinha no
fim dessa rua

- na espanha?
- era. aqui é massa pra vender né?
- aqui, atrás do pátio batel, no barigui
- pernada até o barigui
- cê já andou de helicóptero lá?
- nem
- eu já
- e como é?
- massa
- diferente?
- dá de ver o centro todo. já andei duas vezes
- caro?
- centro e trinta cinco minutos

comendador aráujo com
desembargador motta

- segue?
- sim
- desço aqui. richard
- marco

ADVOCACIA
 CONSUMIDOR – CÍVEL – FAMÍLIA
 CONTRATOS – TRABALHISTA

Bruno César Deschamps Meirinho
 OAB/PR 48.641

AV. CÂNDIDO DE ABREU, 526, 1506-TORRE B
 CENTRO CÍVICO, CURITIBA-PR

(41) 3039 1922 – (41) 984 405 050 – CONTATO@MEIRINHO.ABV.BR



FISK

CENTRO DE ENSINO
3642-3690 **3031-7040**
 R. JOÃO PESSOA, 35 – ARAUCÁRIA/PR

livros | vinhos



Joaquim
Livraria & Sebo

R. Alfredo Bufren, 51
 Centro Curitiba-PR

info@joaquimlivraria.com.br fb.com/joaquimlivraria

Tatá Universo

Há no rio jacaré?

Eu sempre tive medo de bicho peçonhento,
 Todo pé que coloquei no rio foi com medo de
 ser carregada pelo acaso que águas doces podem
 trazer ou levar.

Meu pai, na paciência e admiração, descia pra
 nadar,
 mas eu não sei nadar.

Ficava pelas margens a observar os corpos que
 se jogavam contra a água, eu tinha medo da água,
 sempre tive.

O humano, quando se sabe humano, tem medo
 de água, nada porque tem coragem.

Meu irmão, Peixe-nato.
 Fazia a travessia no braço,
 menino forte.
 Mas eu nadei sempre no abstrato.

Depois de um tempo abandonei o rio.
 Era cansativo ficar pelas margens observando os
 homens tratarem de coisas banais.

Era cansativo segurar as iscas enquanto meu pai
 nadava lá do outro lado.

É preciso mais paciência pra ficar à margem.

Lá na maravilha

— O que pensa um pescador quando joga a rede?

No meio do rio, aponta um pé de moço que há
 dias estraçalha redes em busca de peixes. É bem
 verdade que ele pescou. Que a rede físgou, já não
 posso afirmar.

Sentado na beira do rio, o moço avista um porco
 a devorar um peixe. Ora! Até os porcos daquelas
 banda pescam e alimentam-se de peixe.

— O que pensa um pescador quando não pesca
 nada?

No meio do rio, aponta um pé de moço que há
 dias estraçalha redes em busca de peixes. É bem
 verdade que ninguém nunca se sabe o que pensa um
 pescador que não físga.

O peixe, ao ver o anzol, questiona-se se é seguro
 comer a isca. Seu peixe-avô lhe contara que sempre
 que algo parecido com uma incógnita tiver comida
 na ponta é preciso abandonar a caça. Certamente
 o pai do moço ensinou-lhe a pôr incógnita na
 comida. Ou não. O peixe, muito esperto, nada. O
 peixe físgado é aquele que duvida.

- O moço pegou dois ou um peixe.
- O porco come peixes naquela região.
- O peixe de lá também físga.
- O homem lá é também isca.

Sem canoa é possível atravessar os atravanques?

eu mesma não sei como ficou, mas ficou. Uso muitas vírgulas, tenho sérios problemas gramaticais, acho e desacho coisas.

tu engoliu girassol quando caiu de bicicleta, menino?

Porque tu canta que é uma miséria.

horrível do peito cheio, mas se ajeite, deixe essa mala aí, pegue um barco e vem aqui tratar peixe comigo.

Vem nadando que o rio te limpa dos girassóis que engoliu na infância.

Onde está o teu amor?

tu é maré baixa, baixinha. Mas se ajeite, traga-me fâcas pra descascar as feridas abertas. Abertas fedem em outros ferimentos, e isso eu já não posso descascar.

tuas malas já estão prontas, menino?

Então vai igual galho n'água, vai e se der tu volta, mas se não voltar, manda pelo pombo um cartão dizendo que não vem,

pra eu fazer um café amargo igual o sabor da tua não-vinda.

Se ajeite, menino, na margem do rio, deixei uma garrafa. Se passar por lá, ela é tua.

Tem teu nome, endereço e digital.

Tem uma carta também.

Mas pegue a garrafa e deixe o rio, ladrão de garoa.



A CIDADE DO VENTO

GRAZIA DELEDDA

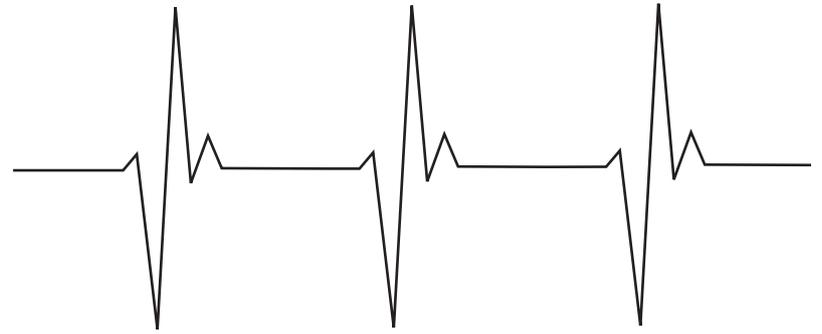
ED. MOINHOS

Publicado em 1931, este romance traz traços marcantes da biografia de Grazia Deledda em uma narrativa que leva o leitor para sua intimidade. O eu lírico/narradora de *A cidade do vento* descreve sua relação com Gabriel, um amor de sua juventude que desaparece para retornar à sua vida poucos dias após seu matrimônio com outro homem. Em um jogo de tensões precisamente calculado, passado e presente se entrelaçam diante do olhar do leitor e dão forma à trama arquitetada por Deledda.

TRAD. WILLIAM SOARES DOS SANTOS

• editoramoinhos.com.br •

Plano de Saúde **RELEVOMED**



Health Tech é buzz; Health Tech é futuro; Health Tech é relevante!

E é por isso que o Jornal **RelevO** decidiu ampliar suas formas de atuação. Afinal, se um lateral-direito do Bragantino-Red Bull pode tatuar um beijo no pescoço, por que um jornal de papel não pode ser *Health Tech*?

Sim, é um jornal; sim, é de papel. Mas a) plano de saúde é caro; b) escritor alcoólatra, quando tem algum dinheiro para bebida, não tem plano de saúde; c) consulta médica muitas vezes já é uma bosta; d) alguma coisa sobre *smartphone*, globalização e aplicativos. Isso se chama visão de mercado, VERMES (também tratamos).

Seguem os benefícios do Plano Gold Perfeito Coparticipação RelevOMed, que inclui carteirinha e *app* exclusivos.

Você não é atendido por qualquer um. Você pode, por exemplo, ser atendido por Dr. Breno Bisturi, um *millennial* que tentou aprender Medicina com *Grey's Anatomy*, mas ficou com preguiça quando viu que eram 14 temporadas e acabou cursando Medicina mesmo. Durante as aulas, Dr. Bisturi tirou o atraso de todas as séries hospitalares e apresentou o TCC "Doug Ross, Greg House: um olhar *cirúrgico* sobre a iatrogenia na ficção".

Aparelho marca-crassos, capaz de apitar toda vez que o usuário toma uma decisão desastrosa.

Ticket refeição de antibióticos.

Inauguramos o primeiro consultório de pediatria da história onde a criança volta ADULTA. Incrível, não? Quase bom demais para ser verdade... Ideal para você que não pode expor em voz alta o quanto sua vida foi destruída emocional e financeiramente pela existência daquele primogênito que te impede de realizar qualquer meta pessoal porque em algum momento pareceu que "deixar um legado" era uma boa ideia. Não inclui cartão de transporte nem álbum de fotografia analógico (pra quê analógico, porra? É *Health TECH*).

Kit protesto: jaleco + nariz de palhaço + 1 mês de 4G ilimitado.

EBook *LIFEHACKS: os 365 hábitos de CEO que você PRECISA adotar IMEDIATAMENTE para ser uma pessoa MELHOR, mais SAUDÁVEL e mais FELIZ, OTIMIZANDO seu TEMPO ao ler EBOOKS sobre OTIMIZAR seu TEMPO.*

Prefácio de um mesa-tenista brasileiro com muitas medalhas nos Jogos Pan-Americanos. Posfácio de um *bot* do coach William Winner.

Cirurgia para abertura de MEI: sabendo das dificuldades do cidadão brasileiro de sair da condição de pessoa física e alçar a condição jurídica, o RelevOMed proporciona a primeira experiência cirúrgica em que a pessoa entra sem taxas e sai assaltada pelo Corpo de Bombeiros. Cirurgia espiritual por Skype.

A companhia de um ator pornô reserva no saguão de espera das consultas. O serviço é ideal para aqueles que estão especialmente cansados das mesmas revistas de moda e dos mesmos jornais literários surrados no único espaço de canto sem um médico injetando codeína. Não encoste no ator pornô reserva.

A primeira cirurgia para transplante de caráter. Índice relativo de sucesso. Entre em contato para receber um orçamento: queroseroutro@relevomed.com. (Não são aceitos poetas - perda total - nem o uso da expressão "modernidade líquida".)

Tour Google Maps, Google Glass e Glass Ass pelos principais postos de saúde públicos do Brasil. Acompanha *game* de *Virtual Reality* (Realidade Virtual) em alas de mães com criança de colo desprovida de Playstation e de figura paterna.

E MAIS: se você apresentar este jornal em QUALQUER hospital do Brasil, neste momento, você GANHA uma consulta GRÁTIS em QUALQUER especialidade. Duvida? Pode continuar duvidando (favor continuar duvidando). É uma cortesia RelevOMed.

Gostou do Plano Gold Perfeito Coparticipação RelevOMed? Entre em contato conosco para receber seu orçamento!

Aproveite para ceder seus órgãos ao Jornal RelevO escaneando o QR Code ao lado.



Sua carteirinha está aqui! Recorte, dobre e comece a receber os benefícios exclusivos RelevOMed hoje mesmo!

 27091976	NOME <input type="text"/>
	PLANO GOLD PERFEITO COPARTICIPAÇÃO
	

ESTA CARTEIRINHA É RECONHECIDA NOS SEGUINTE TERRITÓRIOS: REPÚBLICA DE MONTE ATOS, PRINCIPADO DE SEBORG, REPÚBLICA DE CABINDA, REINO DE TAVOLARA, PUNTLÂNDIA, TAMIL EELAM, REPÚBLICA DA AMBAZÔNIA, GAGAÚZIA, REPÚBLICA MOLDAVA TRANSDNIESTRIANA, REPÚBLICA DE ARTSAQUE, REPÚBLICA DA ABECÁSIA E EM MAIS DE TRÊS SEDES DA WIKIPEDIA.ORG (CONSULTAR LOCALMENTE). NÃO POSSUI VALOR LEGAL. NÃO SUBSTITUI DOCUMENTO DE IDENTIDADE. NÃO ALIMENTAR O PORTADOR DA CARTEIRINHA.





POEMAS DA MEIA NOITE (E DO MEIO-DIA)

WILLIAM SOARES DOS SANTOS
ED. MOINHOS

Quando os “Poemas da meia noite (e do meio-dia)” chegaram até nós, imaginamos que entrávamos imediatamente num universo com uma circularidade particular. A começar pela imagem de capa, pintada originalmente em aquarela pelo autor, mostra duas esferas levemente interseccionadas, articulando uma dimensão “cheia” e outra “vazia”, prontas a se eclipsar uma na outra e abrir a dimensão estética da leitura como num clarão.

William assume estrofes que exaltam a beleza de poder romper com o ritmo vital linear; a vida pode andar em esferas nas quais podemos cair em segurança. O poema mostra que noite e dia, luz e escuridão, não é mais do que uma percepção que temos do movimento que estamos fazendo: Só há sol / em intervalos / de sistemas / que dançam.

Os poemas nos conduzem por um caminho que vai da totalidade à ruptura. Aos poucos, vemos que a circularidade que pensávamos adentrar jamais é completamente pacífica na literatura. Alguns “ecos íntimos” trazem claras referências às influências literárias do autor, que vão desde Manuel de Barros a Stéphane Mallarmé. Assim, encerra-se o trabalho cíclico do poeta, que, de sol a sol, passa pelo meio-dia e pela meia-noite a apanhar a poesia do universo em um movimento infinito de abertura de si.

Morgana Rech & Tânia Ardito

Mariana Soletti

a genética

meu pai,
tua pele
herdei sem as sardas
com as urticárias

prum raíto de sol
ela vira espelho
não muito minha é
se toda ela diz de ti

tua história
o que me trouxe aqui

meu pai,
teu nariz
motivo de orgulho
eu não o quis

arranquei-lhe anestesiada
porque a lembrança quis crer
desnecessária
e agora choro
escondendo meu perfil

mas é tu, ainda
lá por dentro, bem no fim

meu pai,
teu cabelo
não tive tempo de conhecer

“minha mulher é culpada”, dizia

de todo fio cair
até eu aparecer
tive tempo de passar a máquina
foi tempo de alegria

careca lisinha, lisinha
(obrigada, mãezinha)

meu pai,
tua alergia
quase me matou aos dez, aos vinte
embora eu morrerrei aos trinta

de sair da escola espirrando
ao desmaiar na academia
as pernas em carne viva
atchim! e viva!

o que importa é estar viva
(a tua alergia)

meu pai,
tua coordenação
que me trouxe tantos roxos,
arranhões

daquele natal de bicicleta
do pronto-socorro às pressas

vivo me estatelando no chão
por causa dela, por ela [já que é na
dor

queria que não fosse na dor
onde sempre nos encontramos

meu pai,
tua religião
eu pouco entendi
crente que não vai à missa

ao transar escondendo a santa
fui concebida no pecado
por isso, desculpa, desta vez
eu não fico ao teu lado

no que, diga
teus dogmas ajudaram?

meu pai, tua cabeça
nunca me apeteceu
teu moralismo bobo,
esse não sobreviveu

mas como doía,
como a minha
como lutava contra
nostra mare alta

de adiante conheci o amor
e não há de dizer que alguém se
arrependeu

pai, meu sangue
quantas vezes tentei renegar

quando via tuas roupas
quando ouvia o sobrenome

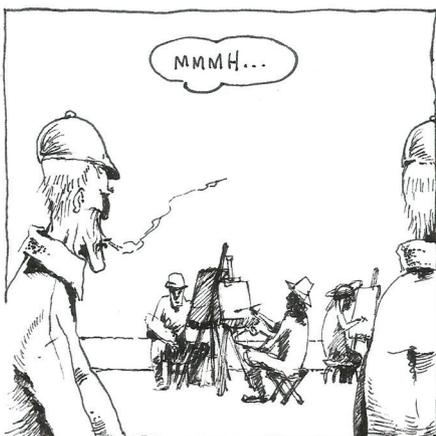
só que pulsa, sei lá, como
fino, guloso, aguado
essa força estranha
não é preciso vê-lo para me decifrar

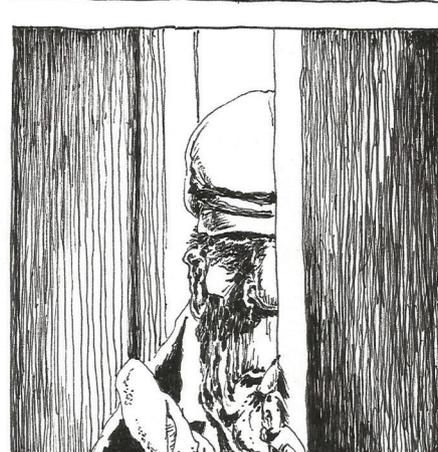
filha única, eu, sangue meu
ninguém há de me tirar

pai, teu fígado
achei que nem existia
passou tanto tempo escondido
até incomodar

e eu que sempre xingava teu pulmão
pela secreção da madrugada
pela asma depois da natação
me vi com um novo inimigo

que é quem te faz urgir de dor
e que faz barulho feito um furacão





MÁS DIFÍCIL PUE ENCONTRARTE FUE RECONOCERTE. CREO QUE, EXCEPTO YO, NADIE DE NUESTRO CÍRCULO TE RECONOCERÍA.



ESO ME COMPLICÓ MUCHO EL TRABAJO. ESTUVE DOS SEMANAS RONDANDO LOS SUBURBIOS DE PARÍS, BUSCÁNDOTE UN SUBSTITUTO.

TUVISTE SUERTE QUE ME HAYAN MANDADO A MÍ. YA RESOLVÍ NUESTRO PROBLEMA.



ABRÍ LA CAJITA.

LA FOTO DE UN MUERTO, SÍ, SE NOTA QUE FUISTE VOS. ES TU ESTILO. EL TIPO SE PARECÍA A MÍ, UN POCO MÁS JOVEN Y BASTANTE MÁS FLACO.

PASÉ DOS SEMANAS ENTRE LOS LINYERAS DE PARÍS. A ESE NADIE LO VA A EXTRAÑAR.



ESO ES DEL DIARIO DE AYER. DICE QUETE ENCONTRARON MUERTO, COMO EN LA FOTO. UN POSIBLE ACUERDO DE CUENTAS ENTRE MAFIOSOS. LO VESTÍ Y PREPARÉ BIEN AL LINYERA. CON TU PASAPORTE INCLUSIVE, EL QUE ME LLEVÉ DE ACÁ HACE DOS SEMANAS.



NOSTALGIA PATÉTICA, GUARDAR UN DOCUMENTO INÚTIL PARA ALGUIEN QUE CAMBIÓ DE NOMBRE Y DE VIDA.



HALENOS OTRO FAVOR, DAME UNA MUESTRA DE SANGRE. YA SABÉS COMO ES EL JEFE CON ESO DEL ADN.

YA ENTENDI TODO. ¿PERO, POR QUÉ AHORA?...

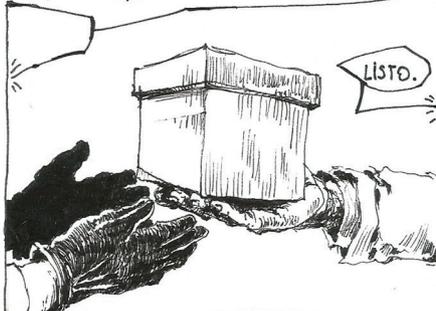
...POR QUÉ VDS?

UN DÍA ESTÁBAMOS CENANDO CON EL JEFE Y LA PEPA SE QUEDÓ DE MIS MODALES CUANDO ENCONTRÉ UN AMIGO EN PARÍS Y...

YA VEO...



Y SÍ, EL JEFE SABE QUE TIPOS COMO NOSOTROS NO TIENEN AMIGOS. Y COMO NOSOTROS DOS LE HICIMOS ALGUNOS TRABAJOS JUNTOS, LO QUE EN NUESTRO RAMO ES LO MÁS PARECIDO A UNA AMISTAD...



LISTO.

EH, NO SÉ, TE PUEDO INVITAR A TOMAR UN VINO EN EL BAR DE...

NO EXAGEREMOS.



QUIÉN DIRÍA ...

...LLEGUÉ A VIEJO,

Y TENGO UNA PANADERÍA.

SI ALGUIEN DE AQUÍ ME CONOCIERA DE ANTES...

...COINCIDIRÍA CONMIGO EN QUE, SEGURAMENTE ...

...DESPUÉS DE TODO LO QUE HE HECHO...



...NO LO MEREZCO,

HUM...



c'est la vie.



BALA PERDIDA

JAX

Arnaldo estacionou na garagem coberta do centro comercial a que sua mulher e ele iam habitualmente. Desta vez, como em algumas outras ocasiões, decidiu permanecer no carro, ouvindo música. A mulher somente ia fazer uma compra rápida e não valia a pena acompanhá-la. Melhor continuar a ouvir a rádio, cuja programação musical estava particularmente agradável naquela manhã já avançada. Dali iriam encontrar uns amigos e experimentar o novo restaurante do bairro, aberto há poucos dias. Os vizinhos do apartamento ao lado do seu haviam comentado que a comida e o ambiente eram de primeiríssima.

O movimento parecia menor naquele domingo. Menos carros estacionados, menos gente circulando, um dia de paz, pensou, enquanto apreciava outra ótima interpretação de uma de suas canções favoritas. Absorvido pela boa música, chegava a fechar os olhos por instantes. De vez em quando tinha

sua atenção atraída pela circulação de ocasionais clientes do centro comercial, que passavam próximo de onde estacionara. Um tanto raramente percebia a passagem de algum deles pelos retrovisores do automóvel.

Mal percebeu, no entanto, a aproximação de um tipo que trazia um paletó ou uma jaqueta dobrada sobre os dois braços, como a buscar evitar que a roupa tocasse nos autos estacionados. Foi a última percepção de Arnaldo. Já bem próximo da janela do motorista, o tipo virou o braço direito na direção da cabeça da vítima e disparou-lhe tiro certo, mas displicente, sem silenciador, que ecoou pelo espaço amplo do estacionamento. O algoz afastou-se com grande celeridade.

Os poucos transeuntes mal se deram conta de que fora um tiro o que ouviram. O segurança daquele setor, contudo, distinguiu claramente o ruído e, graças à experiência de

muito tempo no serviço, rumou imediatamente para o local. Chegou quase no mesmo momento em que a senhora de Arnaldo voltava ao encontro do marido, com a sacola da compra feita. O vigia olhou, estarecido, para a vítima tombada sobre o volante do carro, com a cabeça suja de sangue. Ao dar-se conta do sinistro, a mulher de Arnaldo disparou a gritar e a chorar, o que atraiu de vez alguns passantes que estranharam o caminhar apressado do segurança naquela direção, bem como outros que desconfiavam de ter ouvido um tiro nas proximidades.

O assassinato revelou-se estarecedor e intrigante. Clientes do centro comercial, entrevistados pelos meios de comunicação, manifestavam-se estarecidos não somente pela brutalidade do ato, mas também pela circunstância de haver ocorrido em espaço público pelo qual circulavam com frequência. Ninguém se

recordava, ao menos com exatidão, de episódio precedente, embora todos reconhecessem, por outro lado, que tudo era possível ante o nível crescente da violência na cidade. Alguns chegavam a afirmar, não se sabe se com o exagero causado pela comoção, que qualquer pessoa poderia sofrer a infeliz sorte da vítima. Um ou outro meio de comunicação aproveitou os depoimentos para reforçar as críticas às autoridades pela nítida incapacidade de impedir ações violentas e garantir a segurança da cidadania. Temas como desinteresse pela vida humana, corrupção e conluio com criminosos povoaram o noticiário dos dias seguintes, na onda do que sucedera a Arnaldo.

Autoridades policiais, parentes, amigos, colegas de escritório e demais pessoas que conheceram a vítima mostravam-se em geral intrigadas pelo crime. A polícia não possuía qualquer indício do assassino, pela absoluta falta

de testemunhas e pelo lamentável fato de a câmera de vigilância daquele setor “indispor de cenas reveladoras”, conforme o anúncio oficial. Podia ser que a luminosidade local fosse precária, na opinião de determinados técnicos, mas logo correram rumores, não confirmados, de que a citada câmera se encontrava inoperante, na verdade. Seja como for, para não perder clientes, o centro comercial tratou de melhorar a iluminação do estacionamento coberto, colocar mais câmeras e aumentar o número de seguranças.

Além da polícia, ninguém conseguia vislumbrar as razões do assassinato de Arnaldo, tido por familiares e outras pessoas do seu

relacionamento como homem correto, bom marido e pai de família, assíduo no trabalho, cumpridor de suas obrigações e capaz até mesmo de ir além de suas tarefas, mostrando poder de iniciativa. A mulher descartou a hipótese de crime passional. O marido nunca lhe dera margem à suspeita de possuir amante, nem mesmo de andar com outras mulheres. Colegas do escritório também afixaram que Arnaldo seria homem muito sério. Vez ou outra, quando tomava chope com eles após o expediente, fazia eventuais comentários sobre as pernas e a bunda de alguma garota, mas isso, diziam, era algo normal. Todos faziam comentários assim.

Tampouco havia motivos para suspeitar de negócios escusos. Arnaldo era bem classe média, vivendo dentro de padrões “normais” e sem ostentar qualquer sinal de grandes fortunas. Os comentários e depoimentos ouvidos a esse respeito mostravam-se bastante coincidentes no perfil positivo do investigado, embora não faltassem aqueles que preferiram não se pronunciar sob a justificativa de não o conhecer suficientemente para emitir opinião segura. No escritório, somente um colega deixou escapar, com certo sinal de despeito, que, no seu modo de ver, Arnaldo seria muito favorecido pelo chefe, sem que se soubesse a razão. No edifício onde

a vítima residia, moradora do andar de baixo não quis falar muito, mas insinuou, com evidente malícia, que o casal recebia demasiados visitantes em casa. Em suma, permaneceram sem resposta as questões sobre o porquê do crime.

Entretantes, sentindo-se seguro de que não era sequer suspeito do crime praticado, o que lhe foi confirmado por um amigo que trabalhava no setor de investigações da polícia, o assassino julgou que já podia receber o restante do pagamento que lhe deviam. Dirigiu-se à residência do mandante e, ao entrar, surpreendeu-se com a maneira enraivecida como foi recebido:

“Seu estúpido! Incompetente! Apagou o cara errado e gastou bala à toa!”



De quando éramos iguais,
romance (Editora Penalux)
– Eduardo Sens

UM ROMANCE SOBRE DESIGUALDADE

Um promotor tem diante de si mais um caso criminal, em que seu papel é o da acusação. Seria mais um caso em sua carreira, não fosse este fato conflitante:

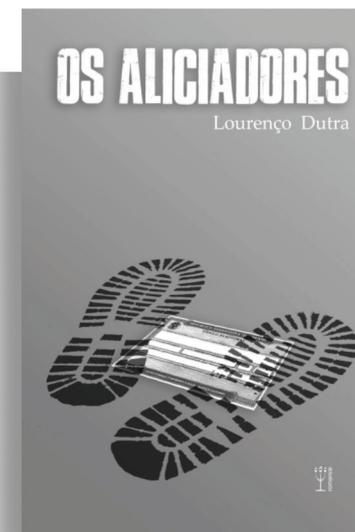
o réu à sua frente é um amigo de infância, acusado pelo assassinato de um pai de família.

A partir desse reencontro inusitado, uma profusão de pensamentos e lembranças leva o protagonista a se ver também no papel de réu. No tribunal da memória, resurge um doloroso episódio que o marcou na infância, pelo qual ele se sente responsável. Revisitando o passado, o promotor busca, por sua vez, provar a si mesmo a própria inocência.

Composto de capítulos curtos e prosa dinâmica, o livro discute o preconceito racial e a importância da posição social para que se tenha um julgamento justo.

Disponível em:

www.editorapenalux.com.br/loja/de-quando-eramos-iguais



Os aliciadores, *romance*
(2ª edição – Editora Penalux)
– Lourenço Dutra

Esse é um daqueles livros que a gente pega e não larga até terminar. Despretensioso, engraçado e muito bem escrito, *Os Aliciadores* tem uma história (ou muitas) para contar. Seus protagonistas são dois homens que saem de Brasília para o interior da Bahia atrás de votos para o governador.

Vão convencer pessoas a se mudarem para o Distrito Federal – levando seu título – em troca de um lote de terra e muitas promessas. Com personagens consistentes e diálogos bem construídos, não há filósofos ou escritores angustiados neste livro, apenas gente tentando sobreviver e aqueles que pretendem lucrar com isso. Personagens que ultrapassam a linha da caricatura para ir circular pelo mundo. O livro vale a leitura pelo universo humano que movimenta – sem preconceito, nem romantização –, mas também pela façanha de uma escrita que se empenha em sua própria construção sem se enfeitar para dizer a que veio.

Por Regina Dalcastagnè

PRÉ-VENDA: www.editorapenalux.com.br/loja

Antonio Carlos Secchin

Autoria

Por mais que se escoem
coisas para a lata do lixo,

clipes, cãibras, suores,
restos do dia prolixo,

por mais que a mesa imponha
o frio irrevogável do aço,

combatendo o que em mim contenha
a linha flexível de um abraço,

sei que um murmúrio clandestino
circula entre o rio de meus ossos:

janelas para um mar-abrigo
de marasmos e destroços.

Na linha anônima do verso,
aposto no oposto de meu sim,

apago o nome e a memória
num Antônio antônimo de mim.

Um poeta

Um velho Homero de província,
entalado numa Ática minúscula,
baba e versa em prosa melosa
suas memórias de pária e de pústula.

Rei de si mesmo, truão engalanado,
poeta acuado pelo peso dos anos,
por sua parca inspiração esco

o esgoto fracassado de seus planos.

Crê-se o maior vate do planeta
um pigmeu no rodapé da poesia.
Implora a Deus por quem o louve.
Nada ouve? Ele mesmo se elogia.
O mar bem ao lado.

Noite na Taverna

1

Senta uma puta perto da taça.
Arde uma tocha acima da mesa.
Salta uma estrofe em cima da coxa.
Nasce um poema a toque de caixa.

Fora, uma virgem dorme na lousa.
Ri-se o poeta em torno da brasa.
A mão do poeta passeia na moça.
O seio da moça é uma pétala gasta.

2

Crepúsculo, vinho, hemorragia:
vai vermelha a voz da poesia.
A vida só vale o intervalo
entre início e meio de um cigarro.

Traga, taverneira, algo bem ríspido,
afogue em rum qualquer sonho
nosso.
Brindemos ao que esconde o futuro:
metáforas, Aids e ossos.

Poemas integrantes de *Hálito das Pedras*,
Penalux, 2019



TRÊS SÓIS

WILLIAM SOARES
DOS SANTOS

ED. PATUÁ

"Com efeito, o livro, dividido em cinco partes, todas abrindo com sugestivas ilustrações e epígrafes de autores consagrados, da antiguidade aos nossos dias, tece uma espécie de arco, que vai do registro de um fenômeno meteorológico inusitado, que ocorre em regiões nórdicas, ao registro inquietante do próprio fenômeno poético, "sem pano para esfinge,/sem sombra alheia". Diante da envergadura desse arco de estranhezas, o autor confessa que "a poesia que escrevo agora/quer apenas/a claridade dos espaços"."

Adriano Espínola

"A chama de uma vela": o fogo-vida em João cabral e Bachelard

Luiz Guilherme Libório

O poema "O ovo de galinha", de João Cabral de Melo Neto, aparece, em 1961, entre os textos reunidos no livro *Serial*. É de tal poema o verso citado no título do presente ensaio; este é, ademais, o título do livro de Gaston Bachelard, *A chama de uma vela* – também publicado em 1961. Tais coincidências residem com muita naturalidade na casa da poesia, disso todos sabemos, e com naturalidade idêntica busquei responder a seguir uma questão de boa importância: como há vida na pequena chama, no pequeno fogo, igual há vida no ovo? "O ovo de galinha" é um poema dividido em quatro partes. Estas partes progridem como por escada horizontal

na investigação do que seja o ovo de galinha; investigação feita por um olhar que conhece muito do mundo, por imagens, incluindo esse objeto último, o ovo, sendo objeto primeiro. A seguir, a primeira parte do poema:

*Ao olho mostra a integridade
de uma coisa num bloco, um ovo.
Numa só matéria, unitária,
maciçamente ovo, num todo.*

*Sem possuir um dentro e um fora,
tal como as pedras, sem miolo:
é só miolo: o dentro e o fora
integralmente no contorno.*

No entanto, se ao olho se mostra

*unânime em si mesmo, um ovo,
a mão que o sopesa descobre
que nele há algo suspeito:*

*que seu peso não é o das pedras,
inanimado, frio, goro;
que o seu é um peso morno, tímido,
um peso que é vivo e não morto.*

Bachelard, em "A poética do devaneio", estuda essa relação do homem sonhador que busca compreender a superfície das coisas como um dentro maciço de significado:

*Habitando verdadeiramente todo o
volume de seu espaço, o homem do*

*devaneio está em toda parte no seu
mundo, num dentro que não tem fora.
Não é à toa que se costuma dizer que o
sonhador está imerso no seu devaneio.
O mundo já não está diante dele. O
eu não se opõe mais ao mundo. No
devaneio já não existe não-eu. No
devaneio o não já não tem função: tudo
é acolhimento (p. 161, 1988b).*

Quão avessa do sonhador bachelardiano, no entanto, é a figura construída por João Cabral. O eu-lírico analisa o ovo como pedra, não porque sonha, mas por estar acordado. Sua imaginação é a da imagem dos sentidos realizáveis no espaço, não a da imagem construída de forma abstrata.

CASA

5 anos!

- Agenciamento Literário
- Leitura Crítica de Originais
- Assessoria de Imprensa para Lançamentos de Livros

casaprojetosliterarios.com.br

@casaprojetosliterarios

Primeiramente, ele olha o ovo; mas seu olhar não engana o tato, que descobre o “algo suspeito”.

A partir da resolução de certo modo científica da observação do objeto, outra forma se observa, na segunda parte do poema: a forma do tempo. O ovo, parecendo ser trabalho de séculos, é apenas o início da vida.

*O ovo revela o acabamento
a toda mão que o acaricia,
daquelas coisas torneadas
num trabalho de toda a vida.
E que se encontra também noutras
que entretanto mão não fabrica:
nos corais, nos seixos rolados
e em tantas coisas esculpidas
cujas formas simples são obra
de mil inacabáveis lixas
usadas por mãos escultoras
escondidas na água, na brisa.
No entretanto, o ovo, e apesar
de pura forma concluída,
não se situa no final:
está no ponto de partida.*

Em “A poética do espaço”, Bachelard discorre um pouco sobre esse aspecto ambíguo da vida em um objeto solidificado, ao comentar a imagem da concha no poema “Os Moluscos”, de Paul Valéry. Por extensão, leio também um pouco da experiência do ovo na descrição da concha, pois também é a visão do futuro visto em uma construção geométrica branca — ninho ósseo.

*É a formação e não a forma que
permanece misteriosa. [...] Quanto já se*

*disse sobre esse turbilhão inicial! De fato,
a vida começa menos se lançando para a
frente do que voltando-se sobre si mesma.
Um élan vital que gira, que maravilha
insidiosa, que fina imagem da vida! Paul
Valéry fica muito tempo diante do ideal
de um objeto modelado, de um objeto
cinzelado que justificasse seu valor de ser,
pela bela e sólida geometria de sua forma,
deixando de lado a preocupação simples de
proteger sua matéria (p. 266-267, 1993).*

Ao perseguir o sentido mais íntimo do objeto ovo, ao apoiá-lo em seus olhos e em seus dedos, o investigador cabralino também percebe a geometria como algo trabalhado, não apenas fruto de uma formação espontânea. Nisso, aproxima-se um pouco do humano citado anteriormente, o humano que sonha e sabe o que não vê, chamando essa força de “mãos escultoras”. Até se a mão não lhe faz nada:

*A presença de qualquer ovo,
até se a mão não lhe faz nada,
possui o dom de provocar
certa reserva em qualquer sala.
O que é difícil de entender
se se pensa na forma clara
que tem um ovo, e na franqueza
de sua parede caiada.
A reserva que um ovo inspira
é de espécie bastante rara:
é a que se sente ante um revólver
e não se sente ante uma bala.
É a que se sente ante essas coisas
que conservando outras guardadas
ameaçam mais com disparar
do que com a coisa que disparam.*

Aqui revela-se, de fato, o fogo. O que é essa atração que sentimos diante dele? É seu dom de provocação, de ser, ao mesmo tempo, abrigo feito de calor, de luz, e ser aquilo que descostura gordura e ossos. Assim, o ovo, mais uma vez, mostra seu caráter de ambiguidade, “é a que se sente ante um revólver e não se sente ante uma bala”, pois o projétil do ovo é a vida, podendo, esta, estar gorada. É o mesmo projétil da chama.

*O mundo não está vivo, numa chama?
A chama não tem uma vida? Não é
ela o símbolo visível do interior de um
ser, o símbolo de um poder secreto? Esta
chama não tem todas as contradições
internas que dão dinamismo a uma
metafísica elementar? (BACHELARD,
p. 11, 1988a)*

Chegamos, aqui, à resposta da questão inicial. A vida que há no fogo e a vida que há no ovo são pulsão. O inseto que bate na lâmpada em busca de calor pressente-a; os humanos que narram no entorno da fogueira também. A manipulação do ovo lembra o carregar de um pequeno recém-nascido; ainda mais frágil, pois trata-se de um recém-nascido. A vida futura pulsa neste presente hermético, e é um futuro quase nada iluminado, o que a nós pode ser confortável porque, nas palavras de Bachelard, “as fantasias da pequena luz nos levam de volta ao reduto da familiaridade. Parece que existe em nós cantos sombrios que toleram apenas urna

luz bruxuleante” (1988a, p.14).

João Cabral de Melo constrói um dos poemas mais bonitos que eu conheço a partir dessa vidinha, dessa luzinha, desse ovo de galinha. É pequeno, o objeto, mas faz pensar em tudo. Carregai, poeta, esse fragmento de existência!, como quem carrega o universo.

*Na manipulação de um ovo
um ritual sempre se observa:
há um jeito recolhido e meio
religioso em quem o leva.
Se pode pretender que o jeito
de quem qualquer ovo carrega
vem da atenção normal de quem
conduz uma coisa repleta.
O ovo porém está fechado
em sua arquitetura hermética
e quem o carrega, sabendo-o,
prosegue na atitude regra:
procede ainda da maneira
entre medrosa e circunspecta,
quase beata, de quem tem
nas mãos a chama de uma vela.*

Referências

- BACHELARD, Gaston. *A chama de uma vela*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988a.
- _____. *A poética do devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 1988b.
- _____. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- MELO NETO, João Cabral de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.



A cor e a textura de uma folha em branco é o livro de contos de Carlos Pessoa Rosa, premiado pela UBE/CEPE, em 1998. O autor é médico-escritor, poeta, contista, ensaísta, considerado entre os 20 melhores contistas pela Rádio Francesa Internacional. Publicou também "Sobre o nome dado", "Histórias que o povo conta, mas de seu jeito de contar" pelo Coletivo Dulcinéia Catadora, de São Paulo, e "Una Casa Bien Abierta", texto infantil, pela pequeno editor, de Buenos Aires. Tem trabalhos publicados em várias revistas literárias e coletâneas.

Para adquirir o livro: www.amazon.com



acontece nos livros
um canal dedicado à literatura

whisner fraga

Inscreve-se e mergulhe no universo literário.  **zagreusw**

  [acontecenoslivros](https://www.instagram.com/acontecenoslivros)  [noslivros](https://twitter.com/noslivros)  acontecenoslivros@gmail.com

Roberto Reis (em *Cânon*)

Até bem pouco havia um consenso de que o trabalho crítico e intelectual devia primar pela objetividade e pela clareza. Pergunto-me se, assim procedendo, não fazemos o jogo do poder. Todo texto tem seus interlocutores. Entretanto, é possível escrever um texto que, não obstante firme uma posição contrária às versões em vigência, terça armas com os adversários sem necessariamente se envolver em uma disputa pelo louro de dono da verdade ou pelo poder do saber.

